

FORMAÇÃO DO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE O AVENTUREIRO E O SEMEADOR SOB A LUZ DAS ANÁLISES DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

VITOR AUGUSTO ROCHA POMPERMAYER

Resumo

Na busca por entender como se deu a colonização lusitana nos territórios nacionais na época do desenvolvimento e que traços essa colonização deixa na sociedade brasileira até hoje, é preciso determinar alguns pontos importantes tanto no contexto histórico quanto nos traços sociológicos dos portugueses da época, que os diferenciava do colonizador hispânico e do inglês. O presente artigo busca fundamentar esse ponto sob a ótica de um notório pensador do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda. Para analisar as categorias propostas por Sérgio Buarque como determinantes na formação brasileira, será feita uma análise de como alguns processos sociais determinaram o surgimento dessas categorias, como o desencantamento do mundo e o sentimento de melancolia que se percebeu a partir do século XVI.

Introdução

Ao formular suas teorias e desenvolver todo um aparato teórico capaz de dar forma e conteúdo a um assunto que era pouco e mal discutido na época, a formação e o desenvolvimento nacional, Sérgio Buarque procurou primeiramente determinar o principal fator, em sua visão, que serviria de ponto de partida para qualquer análise. Esse ponto de partida seria o estudo das próprias nações ibéricas do século XVI, para impedir que ele tratasse desse dilema da formação brasileira como o próprio pressuposto da escrita da história. Nicodemo explica esse ponto:

Sua intenção é anular uma interpretação da história nacionalista, que projeta um sentido inequívoco à interpretação de todos os eventos históricos da América portuguesa como se fossem indícios da sociedade brasileira. (Nicodemo, p. 146, 2014)

Ou seja, ele estava interessado em analisar como essa cultura europeia transplantada para esse novo território adquiriu novas formas. E é só a partir do conhecimento dessas novas formas que o Brasil poderá se constituir com uma cultura e sociedade próprias, com a “superação do passado arcaico de origem ibérica” (NICODEMO, 2014). O autor continua debatendo essa temática:

O elemento-chave da concepção de história buarqueana é a intenção de dois planos temporais distintos. Um deles é o da dialética entre elementos ibéricos e elementos autóctones no

processo de colonização, que inclui a ideia de família patriarcal (entre outros traços da mentalidade europeia distinguidos na crítica pelo termo geral “barroco”). O outro plano é o da análise de como esses elementos, já característicos de uma lógica própria, foram reaproveitados ou rearranjados na formação do Estado e da nação brasileira, processo que ocorreu ao longo do século XIX e se desdobra até o momento presente em que vivem os intelectuais. (Nicodemo, p. 150, 2014).

É possível então estabelecer uma clara disposição do autor em entender a mentalidade ibérica da época como o próprio pressuposto para entender a sociedade brasileira que se desenvolveu até os dias atuais. E é exatamente nisso que o presente artigo focará, analisar e compreender todo o contexto histórico presente na análise da sociedade ibérica da época à luz das categorias buarqueanas.

Para que se entenda melhor sua análise e metodologia é importante ter em mente que o autor se utiliza de tipos ideais, mas numa forma dialética, um jogo de contrários. Um não exclui o outro, como Antônio Cândido explica em seu texto “O significado de raízes do Brasil”, pois ao se tratar dessas tipologias:

A visão de um determinado aspecto da realidade histórica é obtida, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram e o resultado possui uma grande força de esclarecimento. Neste processo, Sérgio Buarque de Holanda aproveita o critério tipológico de Max Weber; mas modificando-o, na medida em que focaliza pares, não pluralidade de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo, para tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico. (Holanda, p.13, 1995)

No artigo algum desses jogos dialéticos irão aparecer, como o sementeiro e o ladrilhador, o trabalhador e o aventureiro, mostrando como a interação desses tipos no português (mesmo que um deles se explicita mais), vai traçar as direções da formação da identidade nacional. Não só da identidade, como dos hábitos, das cidades, da economia e das relações sociais em geral. Mas sobre esse tema é importante ressaltar que o próprio Sérgio Buarque não seria necessariamente um weberiano apenas por utilizar suas terminologias. Mas há de se notar que ele se baseia em três categorias principais elaboradas por Weber para a “compreensão do capitalismo: uma ética religiosa em função da racionalidade capitalista; a burocracia patrimonialista e o estado liberal; e a tipologia das cidades” (WEGNER, 2000). A categoria principal trabalhada nesse artigo dessas três é a primeira, o surgimento de uma ética religiosa em função da racionalidade capitalista, que mais diz respeito aos protestantes que aos próprios ibéricos, mas essa nova mentalidade racional será traço de imenso destaque nos povos ibéricos na época da conquista das Américas.

Desencantamento e melancolia

Antes de tomarmos as categorias desenvolvidas por Sérgio Buarque para discutir os aspectos sociais que determinavam os povos ibéricos da época, é importante que se destaque o contexto histórico das Grandes Navegações. Sobre esse contexto, a análise será mais especificamente feita sobre a mudança na mentalidade europeia da época. É uma realidade racionalista e que começou a se desenvolver depois dos ideais protestantes (importante destacar que esses ideais protestantes pouco influenciaram as nações ibéricas).

Durante o século XVII os europeus foram atingidos por um sentimento de desencantamento do mundo. Esse desencantamento se dá no sentido do esvaziamento de uma visão mais supersticiosa do mundo, o “esgotamento da visão da realidade nutrida por explicações ou raciocínios de cunho religioso” (RAMIREZ, 2011).

A Reforma Protestante muito teve a ver com essa nova mentalidade, pois diferentemente do catolicismo, que negava o trabalho como fonte de riquezas), o protestantismo pregava a salvação pela própria realização do homem através do trabalho. O homem começa pela “negação do ócio” (RAMIREZ, 2011) para depois racionalizar toda e qualquer atividade mundana. A modernidade agora mudava as relações do homem com a natureza. Os homens não mais seriam simples contempladores, mergulhados em mitos e superstições. Agora os homens se colocavam como os senhores da natureza, os seres predestinados a dominar essa natureza através da racionalidade e do trabalho. Segundo Ramirez (2011), esses homens modernos guiados pelo cientificismo e pela conduta de vida racional e metódica, se negaram a seus sentidos, não mais se viam estáticos, voltados a contemplação da imaginação e da natureza.

As vezes esse imaginário mitológico construído do mundo guiavam os navegadores da época para um sonho, um desejo de conquistas inimagináveis:

E o próprio sonho de riquezas fabulosas, que no resto do hemisfério há de guiar tantas vezes os passos do conquistador europeu, é em seu caso constantemente cerceado por uma noção mais nítida, porventura, das limitações humanas e terrenas. (Holanda, p.1, 1985)

Sobre essa temática do desencantamento do mundo, alguns autores tratam ainda de um sentimento específico que surgia como a nova visão de mundo dos conquistadores. Esse era o sentimento de melancolia, que se encontrava principalmente no homem barroco, sentimento este que gera um estado de tristeza permanente. Esse sentimento irá constituir uma espécie de saber sob a nova natureza desencantada.

[...] a melancolia é o sentimento permanente de tristeza, mas que ao mesmo tempo impõe a possibilidade do prazer. A melancolia corresponde muito mais à oscilação entre a tristeza e

a astúcia do homem solitário. Os puritanos, sobretudo os calvinistas, correspondem aos enlutados que superam essa condição por meio do trabalho metódico e racional e, conforme veremos adiante, os lusitanos representam, entre outros grandes personagens literários e mitológicos, os melancólicos, uma vez que a tristeza e o desgosto pela vida e por visões mágicas não são apenas permanentes, mas também proporcionam a preferência por se lançarem ao mundo através de grandes aventuras. (RAMIREZ, p. 30, 2011)

No trecho o autor ainda buscou elucidar a diferença entre a melancolia e o luto. Enquanto que a melancolia é esse sentimento permanente de tristeza, conforme já foi explicado, o luto é temporário, sugere “uma postura tomada com base em uma perda que poderá ser superada” (RAMIREZ, 2011). Ou seja, enlutados, os calvinistas guardavam também o sentimento de desencantamento com o mundo, mas era um sentimento passageiro que poderia ser superado pela reprodução através do trabalho. Já os melancólicos, atingidos por esse desgosto permanente, preferem se lançar para as grandes aventuras, uma vez que adotam uma visão permanente de esvaziamento do mundo.

Mas essa melancolia não aparece só no fato do homem dominar essa nova natureza sem magia e esvaziada de imaginação, o sentimento age também no sentido de negar a “possibilidade de um saber absoluto ou imutável, de forma que, ao invés de dominar a natureza, procura confundir-se melancolicamente com a sua paisagem” (RAMIREZ, 2011). Então nessa nova forma de ver o mundo a melancolia vai se misturar com a astúcia, num jogo dialético em que ambos os conceitos se interpenetram. Existe o desejo quanto à possibilidade de desbravar esse mundo novo, ao mesmo tempo em que o pessimismo domina a mente do homem, quando ele ganha a consciência de que a razão nunca terá pleno conhecimento da realidade total desse mundo. O desbravador necessita da astúcia para aplicar a sua nova conduta racional necessária para o domínio do território, sendo essa astúcia visivelmente influenciada pelo sentimento melancólico, que dá ao homem essa necessidade de se aventurar e conquistar esse mundo tão desconhecido. E a astúcia será necessária para o melancólico poder de fato desbravar essa nova natureza desencantada:

Inseparáveis, melancolia e astúcia, tristeza e racionalidade expressam o enfraquecimento e a potencialização recíprocas e simultâneas de uma à outra, o repertório de forças antagônicas que compõe um outro olhar, que corresponde à imagem dialética do moderno. (Ramirez, p. 39, 2011).

Nessa discussão entra o português, que recebe de Sérgio Buarque a alcunha de pioneiros nesse processo de desencantamento do mundo. Toda aquela visão mística do mundo parece ter sido mitigada muito antes pelos portugueses, se comparados às outras nações europeias da época. É possível dizer que em relação ao povo português, a “astúcia e espírito aventureiro já desafiavam os deuses míticos na Terra e sua visão melancólica alegorizava toda a realidade” (RAMIREZ, 2010).

Os motivos trabalhados por Sérgio Buarque que explicam essa primazia do desencantamento do português aventureiro são sua longa prática marítima e sua experiência com os povos das mais diversas culturas. Segundo Holanda (1985), esse contato com terras e gente estranhas amorteceram, atenuaram nos portugueses a sensibilidade para o exótico. Para os portugueses a maior virtude consistia no que a própria experiência trazia:

Muito mais do que as especulações ou os desvairados sonhos, é a experiência imediata o que tende a reger a noção do mundo desses escritores e marinheiros, e é quase como se as coisas só existissem verdadeiramente a partir dela. A experiência, “que é madre das coisas, nos desengana e de toda dúvida nos tira”, assim falou um deles nos primeiros anos do século XVI. (Holanda, p. 5, 1985)

O próprio autor pontua que quanto mais minguada for a experiência, mais enfunada será a fantasia. Diferentemente de outros colonizadores, como o espanhol e o inglês, os portugueses se mostraram avessos a qualquer saber mágico, qualquer exagero ou deturpação da realidade que dominava o pensamento europeu na época. Eles não alimentavam falsas esperanças de chegarem em terras edênicas (alusão aos Jardins do Éden) onde o paraíso terreal estaria posto, com riquezas inimagináveis prontas para serem usufruídas. Destaca-se que sua colonização desencantada marcou os traços da cultura brasileira (RAMIREZ, 2011).

Ao se comparar essa colonização desencantada dos portugueses com os empreendimentos espanhóis, aparecem claras diferenças. Eles ainda cultuavam o imaginário, ainda acreditavam que o Paraíso estava mesmo em terras terrestres. Segundo Sérgio Buarque, a crença dos espanhóis nos tempos de Colombo, no Paraíso Terreal, não era mera fantasia. Mais do que isso, era uma “espécie de ideia fixa, que ramificada em numerosos derivados ou variantes, acompanha ou precede, quase indefectivelmente, a atividade dos conquistadores nas Índias de Castela” (Holanda, p. 13, 1985). E a ideia persistiu no imaginário dos espanhóis mesmo após a chegada nas Américas:

Ao se depararem com a vegetação abundante e verdejante e o clima ameno, uma paisagem extraordinariamente exuberante, os espanhóis, quando desembarcaram naquilo que supunham ser o lado oriental das Índias, não hesitaram em crer que haviam por fim chegado ao Paraíso por meio de um empreendimento jamais realizado por qualquer outro homem desde a “queda” de Adão. Para Sérgio Buarque, representava a certeza de que haviam encontrado o “jardim do mundo” tão anunciado pelos teólogos da Idade Média (no século IV, por Lactâneo, e mais tarde por Santo Isidoro de Sevilha), os quais concebiam o Paraíso Terreal como um local acessível, presente no mundo, embora localizado num recôndito da Terra. (Ramirez, p.44, 2011).

Do melancólico ao sementeiro

Por causa do realismo, da melancolia, da astúcia e da experiência tão desenvolvidos nos portugueses da época, o que se viu foi que eles se adaptaram aqui com muita facilidade, aceitaram para si sem problemas as condições da natureza, que segundo Ramirez (2011), foram tomadas sem vida e alegria. Segundo Wegner (2000), o português era dotado de uma incrível plasticidade, se tornavam sujeitos passivos ao novo ambiente, se aclimatando facilmente, fato que inclusive deixou suas marcas pela história da sociedade brasileira. Gilberto Freyre também destaca essa notória plasticidade do português, constatando que ele

[...] foi por outro lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia europeia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (Freyre, p. 265, 2006).

O que é importante a partir desse ponto, é compreender como essa mentalidade portuguesa imprimiu no Brasil, em sua formação, as características iniciais que ainda ecoam até hoje. No capítulo 2 de Raízes do Brasil, Sérgio Buarque vai explorar a dialética do trabalhador e do aventureiro. As duas características coexistem no lusitano, mas é a do aventureiro que mais se explicita. A característica do aventureiro se apresenta no português decorrendo de seu próprio caráter melancólico e astuto, que o faz se jogar nessas grandes e desbravadoras jornadas.

Sérgio Buarque classifica o trabalhador como aquele que “enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar” (HOLANDA, 1995). O trabalhador é aquele que enxerga a ética do trabalho como um esforço continuado e planejado. A recompensa do trabalhador é dada no longo prazo, mas esse fato é compensado pela segurança que ele tem ao crer na recompensa.

O aventureiro é aquele que quer “colher o fruto sem plantar a árvore” (HOLANDA, 1995), que busca nada mais que a riqueza fácil, sempre buscando novas experiências. O aventureiro não tem em mente um projeto de consolidação, ele simplesmente joga com as regras do jogo, se aventura a cada vez que descobre novos obstáculos. O próprio Sérgio Buarque vai afirmar que o empreendimento português aqui foi feito com certo abandono, jogado às próprias circunstâncias do caminho. Por isso ele não vai considerar o caráter inicial agrário da colônia como um projeto do português:

Não é certo que a forma particular assumida entre nós pelo latifúndio agrário fosse uma espécie de manipulação original, fruto da vontade criadora um pouco arbitrária dos colonos portugueses. Surgiu, em grande parte, de elementos adventícios e ao sabor das conveniências da produção e do mercado. (Holanda, p. 47, 1995).

O que os portugueses empreenderam aqui foi um projeto visivelmente marcado por sua melancolia e astúcia. Desacreditados do mundo, esses portugueses empreenderam, segundo Ramirez (2011), uma exploração profana do território. Renegando qualquer visão de fenômenos naturais ligados a eventos sobrenaturais, eles vieram aqui buscando ganhar riqueza com o menor esforço possível, sem um projeto coletivo de fato e sem um desejo de construir um legado.

A colonização lusitana então não foi uma tentativa de construir uma nação portuguesa aqui, ou de transformar o Brasil numa extensão de Portugal, mas sim um empreendimento em que predominou o espírito de aventura, se lançar ao desconhecido para tentar fazer riqueza da maneira mais fácil, sem um planejamento, ficar refém das circunstâncias de uma natureza agora desmistificada, que pode ser dominada e trabalhada.

Isso ocorre porque o aventureiro confia no próprio destino, e “no caso português, essa passividade diante da natureza corresponderia a fenômenos de ordem concreta” (RAMIREZ, 2011). Página 76. A colonização então seguindo esse ponto de vista teve um certo caráter de desleixo. O trabalhador, enquanto isso, tinha um planejamento metódico e fins já estabelecidos, não se jogava ao acaso como o aventureiro, e na verdade tinha uma certa aversão a esses valores do aventureiro:

Além disso, segundo Simmel, o desejo do aventureiro por grandes conquistas e feitos extraordinários se confunde com o seu abandonar-se em relação às forças da vida. Pode-se afirmar que, diante da natureza, o aventureiro adapta-se a ela, mistura-se à paisagem sem com isso transformá-la radicalmente por meio de um projeto de domínio absolutamente racional. (Holanda, p. 75, 1995).

Fica então claro que a plasticidade social do português se origina de seu espírito aventureiro, e esse último decorre da visão melancólica e desencantada que o lusitano tem do mundo. Ao adaptar-se desse modo tão “desleixado” e desprendido aqui, os portugueses foram empreendendo um projeto que deixou profundas marcas na sociedade brasileira. Dadas as circunstâncias, o que vimos foi uma intensa valorização do meio rural e a primazia do ócio, que culminou na estagnação tecnológica agrícola e a estagnação de toda a vida social em torno dos senhores de terras.

Seguindo o pensamento buarqueano, do espírito aventureiro se chega ao que ele chama de sementeiro. Trazendo a discussão do sementeiro e ladrilhador no Capítulo 4 de raízes do Brasil, ele explica a diferença entre as duas características. O ladrilhador é aquele não tende ao espírito aventureiro, ou seja, é contrário à toda ordem natural. É aquele que vê a cidade como um instrumento de dominação, que deve ser planejada para se efetivar a colonização. Um aventureiro, que se joga às circunstâncias dadas, não se apresenta como um ladrilhador, pois é desleixado e desprendido de suas próprias ações. É um ser melancólico e desencantado, como já visto. Ao contrário, o português será sementeiro aqui

no Brasil, construirá suas cidades de maneira irregular, não verá a cidade como instrumento de dominação, mas sim como apenas a melhor forma de adaptar-se ao mundo novo:

Portanto, as primeiras cidades brasileiras não correspondem exatamente àquela poderosa manifestação do espírito e da vontade em oposição à natureza que normalmente caracteriza a construção de cidades e, ao lado disso, não se constituem em centro de dominação. Ao contrário, o centro gravitacional da economia e da sociedade está no mundo rural, configurando um profundo “desequilíbrio entre o esplendor rural e a miséria urbana” que corresponde ao fenômeno do ruralismo. (Wegner, p. 31 – 32, 2000).

Isso acentua o caráter de feitorização que marcou a formação da sociedade brasileira, e não da colonização. Os portugueses se acomodaram no litoral, não fizeram esforço algum para interiorizarem a colonização. Melancólicos, desencantados do mundo, eles não esperavam encontrar aqui riquezas ou seres fantásticos, eles não tinham a mentalidade do espanhol, que expandiu suas cidades a fim não só de garantir uma dominação e uma base política mais consolidada, mas também à procura desses tesouros prometidos do Paraíso Terreal. Aos portugueses, esses tesouros não encantavam.

Ora, essas feitorias eram a maneira fácil de conseguir riqueza, aquela que não empreendia um esforço muito grande dos portugueses. Seu espírito aventureiro não condizia com a construção de cidades, uma vez que o empreendimento de uma cidade leva em conta toda uma predisposição antinatural, pois é uma manifestação que se opõe à natureza. Sérgio Buarque vai acusar esse caráter ladrilhador que tinha o espanhol:

Já à primeira vista, o próprio traçado dos centros urbanos na América espanhola denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo; impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta. O plano regular não nasce, aqui, nem ao menos de uma ideia religiosa, como a que inspirou a construção das cidades do Lácio e mais tarde a das colônias romanas, de acordo com o rito etrusco; foi simplesmente um triunfo da aspiração de ordenar e dominar o mundo conquistado. (Holanda, p. 96, 1995).

Já as cidades brasileiras eram irregulares, margeavam o litoral sem um plano urbanístico constituído, talvez por isso se caracterizar como uma forma antinatural de colonização, portanto avessa aos valores do espírito aventureiro. Mas alguns autores discordam dessa total falta de projeto urbanístico, como Filho (2012), quando atenta para o fato de que eram sim tomadas algumas medidas com o intuito de planejar a urbanização na formação brasileira. Algumas coisas simples, como diretrizes para traçados retilíneos das ruas e definições para o alinhamento das casas. Outras mais complexas, como normas para o controle das dimensões dos balcões.

Se acomodar no litoral foi fácil para os portugueses, pois no meio dessa “aventura” a costa brasileira estava habitada por uma única família de indígenas, que falava o mesmo idioma.

Dotados de um espírito aventureiro e satisfeitos com as condições que o litoral oferecia, poucas razões o português tinha para buscar novas terras ao Oeste. A urbanização acabou se confundindo com a própria paisagem, não havia um projeto, muito menos regras, a urbanização foi dada como num processo de “Deus-dará”, culminando em cidades irregulares e num interior que só foi ser desbravado com as bandeiras paulistas posteriormente. Aliás, esse aspecto da formação deixou um traço atual na sociedade brasileira, onde é possível notar cidades do interior que se situam muito longe uma das outras, um interior de povoação pouco densa.

Sobre a irregularidade das cidades, Sérgio Buarque ainda vai dar o exemplo da Bahia, maior centro urbano da colônia no século XVIII. Ele relata que a disposição das casas parecia ter sido feita ao capricho dos moradores. Eram casas desalinhadas e sem o menor comprometimento com uma estrutura urbana planejada, como nas cidades da América hispânica.

Considerações finais

Fica claro então no presente trabalho como algumas das determinações sociais dos portugueses ajudam a entender a formação nacional, sob o ponto de vista de Sérgio Buarque de Holanda. Ao agir passivamente sobre esse novo mundo, essa nova terra, o português demonstrou todo o seu caráter melancólico. Desencantado no sentido de saber que o mundo não é mais regido por leis sobrenaturais, triste com o fato de não poder conceber esse mundo em toda sua plenitude, o português se lançou aos mares para desbravar esse mundo desconhecido, sentindo um certo prazer contemplar aquele mundo novo completamente desmistificado ao mesmo tempo em que imprime nele sua astúcia e espírito aventureiro.

Por causa desse espírito aventureiro o lusitano chega aqui na procura da riqueza fácil, não acredita nas terras edênicas e nem no Paraíso Terreal, se antecipa aos outros europeus na questão da racionalidade enquanto visão de mundo. Com a feição do aventureiro, chega ao Brasil portando uma imensa plasticidade social, que o torna perfeitamente adaptável ao novo ambiente, tanto ao clima quanto ao gentio.

Jogado às circunstâncias, imprime aqui não uma colonização de fato, mas uma feitorização, pois assim renunciava à toda perspectiva da filosofia do trabalhador, seu trabalho metódico e empenhado e suas perspectivas de ganhos a longo prazo.

Como não empreendeu um projeto, semeou cidades irregulares e litorâneas, que não garantiam nem o domínio do público e muito menos davam uma coesão social na colônia:

Este dominar ajustando-se às condições da nova terra acaba por deixar suas marcas na história da sociedade brasileira, e isto fica representado, talvez de forma mais intensa, na constituição das cidades, as quais, segundo a bela expressão do autor, foram como que semeadas, e não construídas por ladrilhadores com seu planejamento e critérios rígidos, como as cidades da América hispânica. Se fosse dito que as cidades construídas pelos portugueses visavam ordenar o mundo a partir de um modelo sugerido pela natureza, este modelo seria aquele que se manifesta na pergunta de Antônio Vieira: “Não fez deus o Céu em xadrez de estrelas?” Na realidade, “[...] a cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a linha da paisagem. “ (Wegner, p. 31, 2000)

Fica nítido então como o português melancólico e aventureiro foi responsável por essa formação sui generis que se viu no Brasil.

Referências Bibliográficas

Candido, Antonio. Prefácio. In: Holanda, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Filho, Nestor Goulart Reis. In: **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. org. Stelio Marras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 51 ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

Holanda, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Visão do paraíso**. 4 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

Nicodemo, Thiago Lima. In: **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. org. Luiz Bernardo Pericás, Lincoln Ferreira Secco. São Paulo: Boitempo, 2014.

Ramirez, Paulo Niccoli. **Sérgio Buarque de Holanda e a dialética da cordialidade**. São Paulo: EDUC, 2011.

Wegner, Robert. **A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

